

Performance torcedora: dinâmicas de construção da representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra (1977-2000)

Supporters' performance: Raça Rubro Negra
representation' dynamics of construction (1977-2000)

Juliana Nascimento da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutoranda em História Social, PPGHIS/UFRJ
ju.nascimento13@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar as estratégias e dinâmicas de representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra. Para tanto, serão utilizadas como fontes os cânticos aderidos pela entidade ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 como ferramenta de sinalização da disjunção almejada. Alicerçado no quadro teórico de Roger Chartier e amparado pelos debates sobre memória e identidade, o artigo buscou identificar os elementos constitutivos da identidade da Raça Rubro-Negra de modo a angariar a representação desejada. A partir da análise da relação da agremiação com diferentes ritmos em seu repertório musical, em especial o samba-enredo e o *funk*, diferentes perspectivas de obtenção de distinção em seu microcosmo foram identificadas.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas organizadas; Raça Rubro-Negra; Representação; Performance; Cânticos.

ABSTRACT: The present article objective is to analyze the strategies and dynamics of representation of the Raça Rubro-Negra. Therefore, we utilize as sources the chants adhered to by the entity throughout the 1970s, 1980s and 1990s as a tool for signaling the desired disjunction. Based on Roger Chatier's theoretical framework and supported by debates on memory and identity, the article sought to identify the identity constitutive elements of the Raça Rubro-Negra to achieve the desired representation. From the relationship analysis of the samba school with different rhythms in its musical repertoire, especially the samba-enredo and funk, different perspectives of obtaining disjunction in its microcosm were identified.

KEYWORDS: Organized supporters' groups; Raça Rubro-Negra; Representation; Performance; Chants.

INTRODUÇÃO

Fundadas no final da década de 1960 e início dos anos 1970, as Torcidas Jovens demarcaram um novo modelo de torcer. Sob as justificativas de afastamento das antigas lideranças e desejo de conceber um novo tipo de engajamento com o clube, a guinada à mobilização que ancorou as divergências esteve ligada com o momento de protagonismo da juventude tanto no Brasil quanto ao redor do globo.

A ênfase dada ao desejo de estabelecer um torcer crítico, solidificado sob os aspectos do apoio e da possibilidade de contestação, é uma demanda do marco de fundação das Torcidas Jovens no Brasil, insatisfeitas com o torcer complacente do modelo anterior. Alicerçada em uma perspectiva geracional, as Torcidas Jovens inauguraram moldes de torcida fundamentados na coesão grupal, na identificação e na prerrogativa de participação ativa e engajada, delineando representações e sociabilidades que passaram a ser inerentes ao microcosmo das torcidas organizadas. Tal modelo se solidificou como padrão torcedor a partir do final dos anos 1960, mesmo em agremiações que não carregam a terminologia “jovem” em seu nome. Isto é, o período de criação das torcidas dissidentes e das agremiações forjadas nos anos posteriores simboliza a inserção de uma perspectiva geracional caracterizada pelo “investimento simbólico rico e plural em experimentações”.¹

A prerrogativa de um torcer coletivizado dialoga não apenas com a estruturação e burocratização das entidades sob o viés grupal, mas também implica na inserção do indivíduo em um conjunto de símbolos a serem aderidos e na rejeição dos elementos identitários que compõem as rivalidades estabelecidas. A coletividade das torcidas organizadas a partir dos anos 1960 é ancorada na formação da coesão do coletivo por meio da ordenação do complexo de signos que orientam a conduta,² as práticas e as representações daqueles que se revestiram da identidade – em constante remodelamento – da agremiação:

Ao longo dessas três décadas foram responsáveis, em grande medida, pela formação de um “padrão de sociabilidade” peculiar. Padrão expresso numa determinada maneira de torcer e participar no futebol profissional, incorporando ao esporte símbolos próprios (distintivos das torcidas),

¹ TOLEDO. “Short cuts”: histórias de jovens, futebol e condutas de risco, p. 212.

² TEIXEIRA. *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*, p. 50.

inaugurando performances, uma estética, comportamentos verbais, regras, organização, consubstancializando um determinado estilo de vida específico na metrópole.³

As dinâmicas de sociabilidade instaladas no microcosmo das torcidas organizadas instituíram novas perspectivas de comunicação. Tendo suas identidades formadas por um agregado de símbolos aderido por cada componente, as relações entre torcidas foram orientadas por padrões relacionais de oposição sob o mote da disjunção. Desse modo, o relacionamento das torcidas organizadas se caracterizou por disputas de representação, calcadas na comunicação performática dentro e fora das arquibancadas: “era de poder, em última instância, que se tratava”.⁴

Para o presente artigo, o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo, foi escolhido como objeto de análise. A justificativa dessa escolha se dá na medida em que são identificados reposicionamentos constantes de padrões de comportamento e de performance da agremiação a depender do objetivo de interlocução.

Fundada em 1977 sob o argumento de renovar os pressupostos do torcer, tidos pela nova agremiação como “frio”, a Raça Rubro-Negra, ao longo das décadas de 1980 e 1990, ancorou seu conjunto simbólico na contenda, padrão de relacionamento instituído entre as torcidas durante o período.

Para analisar as estratégias e dinâmicas de representação da torcida organizada Raça Rubro-Negra serão utilizadas como fontes os cânticos aderidos pela entidade ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 como ferramenta de sinalização da distinção almejada. Ou seja, o objetivo do trabalho é verificar e situar, a partir da análise da adesão de ritmos musicais em seu repertório, o caráter identitário distintivo elencado pela Raça Rubro-Negra a depender da interlocução. Relatos orais e materiais colhidos de jornais também serão utilizados como triangulação de pesquisa.

Os cânticos são entendidos aqui enquanto “padrões de comportamento verbal típicos entre torcedores de futebol”.⁵ A comunicação performática entre torcidas organizadas é construída por meio de padrões de oposição e pelo objetivo de construir hierarquias representativas, vislumbradas nas expressões musicais. Desse

³ TOLEDO. Transgressão e violência entre torcedores de futebol, p. 94.

⁴ HOLLANDA. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980, p. 109.

⁵ TOLEDO. Por que xingam os torcedores de futebol?, p. 23.

modo, a análise dos ritmos aderidos pela Raça Rubro-Negra no referido período, bem como a localização temporal dessas escolhas, contribui para compreender as dinâmicas e estratégias de sociabilidade do microcosmo em constante reposicionamento.

MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E PERFORMANCE

As noções de representação e prática mobilizadas por Roger Chartier ao versar sobre o campo da História Cultural fornecem as bases teóricas para a construção do artigo. A expansão do conceito de cultura e o alargamento das possibilidades de pesquisa na historiografia viabilizam a análise das dinâmicas do microcosmo das torcidas organizadas sob a perspectiva da produção de novas realidades.

Para o autor francês, as representações são estabelecidas de acordo com interesses e intencionalidades, sendo forjadas pelo pressuposto da competição. Noções interdependentes, as representações implicam na definição e elaboração de práticas alicerçadas na identificação almejada, reunindo estratégias e discursos para reforçar determinada autoridade: “Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”.⁶

Transportados para o microcosmo das torcidas organizadas, os parâmetros representativos são vislumbrados pelos agrupamentos também como disputa. Alicerçados em conjuntos identitários formulados por padrões de oposição, os símbolos de cada grupo são reforçados e rearranjados de modo a conquistar a disjunção – com critérios variantes. Desse modo, as torcidas organizadas produzem novas realidades no interior das dinâmicas de suas sociabilidades ao recriarem constantemente – e de modo intencional – suas representações e práticas.

Enquanto fenômeno individual, coletivo e volátil, a memória é caracterizada também por um processo de construção e de articulação.⁷ A memória é ordenada em torno de objetivos almejados e baseada na criação de identidades a serem percebidas por outro. É um processo caracterizado pela duplicidade das relações: a produção da memória e da identidade e a recepção do que se deseja representar. De

⁶ CHARTIER. *A história cultural entre práticas e representações*, p. 17.

⁷ POLLAK. *Memória e identidade social*, p. 201; 204.

acordo com Pollak: “A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.⁸

A construção da memória e da identidade deve ser entendida, portanto, como fenômeno intencional – apesar dos marcos invariáveis – que se articula de modo negociável a depender da representação almejada. Concebida sempre em perspectiva relacional, a construção da identidade pressupõe como elementos constitutivos a memória, o sentimento de unidade, de continuidade e de coesão.⁹ Nesse sentido, as demandas e discursos das identidades coletivas devem ser analisados sob a compreensão do intento representativo que se almeja, ao mesmo tempo em que se rastreia as características que constituem a unidade grupal.

O processo de composição identitária das torcidas organizadas é marcado pela conjunção de elementos comunicativos, como os cânticos e a corporalidade, que compõem a performance dos grupos e evidenciam suas prerrogativas. As músicas ecoadas em uníssono pelos componentes das agremiações são identificadas enquanto um “processo de comunicação coletiva”,¹⁰ mas que não se esgota em si mesmo. Toda a gestualidade que acompanha o canto coletivo é pensada de modo estratégico, visando expressar suas demandas de memória e de representação.

A coletividade torcedora é engajada na medida em que se adentra a um sistema de representações, símbolos, crenças, práticas e valores que Arlei Damo chamou de “clubismo”,¹¹ que se desdobra não apenas na adesão das mesmas, mas também na rejeição do conjunto simbólico relacionado às rivalidades estabelecidas: “o capital afetivo de um clube não deve ser pensado apenas a partir da relação de afinidade com uma dada comunidade de sentimentos, mas também em razão da aver-são a ele dirigida por uma outra nação imaginada”.¹²

⁸ POLLAK. Memória e identidade social, p. 204.

⁹ POLLAK. Memória e identidade social, p. 204.

¹⁰ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*, p. 502.

¹¹ DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, p. 61.

¹² DAMO. *Do dom à profissão*, p. 74.

No microcosmo das torcidas organizadas, as dinâmicas do clubismo mencionado por Damo são vivenciadas em outra esfera de complexidade: seus valores, alianças e rivalidades são estabelecidos baseados nas suas próprias prerrogativas, ainda que estejam alinhados com os padrões de seus clubes. Nesse sentido, a presença torcedora está em constante reposicionamento, pois as práticas, representações, identidade e memória são demandas e elementos constitutivos do processo de “transubstancialização de indivíduo à persona”.¹³

A coletividade na vivência e participação nos cânticos nas arquibancadas dos estádios se constitui como “uma comunicação através dos gritos e dos coros entre as torcidas”¹⁴ em que “as ações corporais constituem uma modalidade de linguagem; de que o corpo e o movimento dizem algo ao fazerem”.¹⁵ A movimentação ritmada do corpo em consonância com o canto em uníssono expressa uma série de demandas grupais, que se complexificam a depender da interlocução. Entre as torcidas organizadas, a construção de memória é atravessada pela prerrogativa da distinção. A elaboração dos cânticos e de suas performances são construídas baseadas na comunicação desejada com o outro: a partir de qual característica se deseja alçar o protagonismo e ter sua hierarquia reconhecida? Desse modo, o conjunto simbólico é produzido sob o aspecto relacional de oposição, o que evidencia não apenas o caráter negociável da identidade,¹⁶ mas também a vivência intrínseca da alteridade.¹⁷

DISJUNÇÃO: PRERROGATIVA DAS TORCIDAS JOVENS

As agitações sociais dos anos finais da década de 1960 trouxeram anseios relacionados a novos formatos de atuação entre as torcidas organizadas. O processo desencadeado no período deu origem às novas agremiações, justificadas e orientadas pelos mesmos pressupostos: a demanda por uma participação autônoma e engajada solidificada sob o aspecto da coesão grupal.

¹³ Tal processo diz respeito à adesão aos aspectos representativos da instituição, incluindo indumentárias, símbolos, rivalidades... Trata-se de abandonar o caráter individual de sua existência e vincular sua identidade ao grupo. Ver DAMO. *Do dom à profissão*, p. 90.

¹⁴ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 517.

¹⁵ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 45.

¹⁶ POLLAK. *Memória e identidade social*, p. 204.

¹⁷ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 97.

As primeiras agremiações torcedoras do Brasil, criadas nas décadas de 1930, 1940 e 1950, eram caracterizadas pela ideia da “carnavalização”: um incentivo festivo, com a utilização do ritmo das marchinhas, alicerçado na “preocupação disciplinar”:¹⁸ “vigiar a conduta do torcedor comum e coordenar de maneira organizada o incentivo à equipe”.¹⁹

Os pressupostos das Torcidas Jovens divergiam do molde de tais torcidas: o torcer não tinha ancoragem incondicional. Desprendidos de preocupações disciplinares, suas motivações caminhavam para a demanda da possibilidade de contestação e crítica, sedimentadas na ação coletiva da agremiação. Para além da busca por participação em decisões internas dos clubes, o mote de fundação das Torcidas Jovens teve como ideário o desprendimento em relação à instituição futebolística e demanda por autonomia de atuação, desobrigado de manter relações amenas com dirigentes. Desse modo, a ruptura exposta em relação às primeiras torcidas organizadas foi justificada pelo desejo de construir uma roupagem independente, distinta das agremiações anteriores, “tidas por passivas ou tuteladas pelos dirigentes, pela imprensa e pelos seus próprios chefes”.²⁰

Apesar da demarcação de dessemelhança na fundação das Torcidas Jovens no que tange à presença ativa na participação, o anseio pela participação política é herança das primeiras torcidas organizadas e uniformizadas. Mobilizadas pela necessidade de encontrarem possibilidades de interferirem na política dos clubes aos quais são vinculados, tais torcidas constituíram sua história concomitantemente ao afã de adentrar o meio que interfere nas decisões.²¹

A preocupação com o conjunto simbólico na construção identitária das Torcidas Jovens também se constitui como fruto das primeiras torcidas organizadas que, ao adotarem as camisas de seu clube como vestimenta para a presença nos jo-

¹⁸ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 91.

¹⁹ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 92.

²⁰ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 113.

²¹ CANALE. *Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 – uma história da ATOESP* (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo), p. 25-26.

gos, configuraram uma inovação dentro dos parâmetros visualizados nas praças esportivas do período.²² A alteração na indumentária, por outro lado, demonstra preocupação com a integração do grupo, que se distingue das Torcidas Jovens pela motivação: por um lado, a vestimenta dos primeiros grupos torcedores esteve em relação direta com o clube, demonstrando o vínculo sólido de apoio incondicional; no caso das Torcidas Jovens e demais agremiações fundadas a partir de então, as vestimentas tinham o caráter de fortalecer a perspectiva grupal, constituindo seu universo simbólico em consonância com os valores do clube. Nesse sentido, as prerrogativas das torcidas fundadas a partir dos anos finais da década de 1960 dão novas entonações para os vieses participativo e representativo:

A jusante da nova estrutura do futebol profissional, também se ampliava a escala de organização das torcidas na década de 1970. Eram elas agora menos pessoalizadas e mais burocratizadas, com carteirinhas, camisas e símbolos próprios. Uma incipiente distribuição interna de poder é realizada, com a atribuição de funções e a repartição de responsabilidades. De poucas dezenas de aderentes, as torcidas passam a ser compostas na escala das centenas. Em 1971, por exemplo, a Torcida Jovem do Flamengo contava com duzentos e noventa e um associados. Um universo autorreferenciado, em paralelo ao clube, é criado, com todo o potencial gregário que lhe é inerente.²³

Novas dinâmicas de sociabilidade são criadas diante da formação constante do relacionamento entre as torcidas organizadas a partir da década de 1960: autônomas em relação ao clube, símbolos, cores, valores e performances se fundamentam de forma independente na concorrência simbólica dentro de seu microcosmo. Além da adesão ao complexo de signos de cada clube, os componentes das torcidas organizadas mergulham na profundidade do intercurso entre as próprias torcidas organizadas, forjando suas dinâmicas de relações com significados próprios.

Tais símbolos são ornados e direcionados à obtenção da disjunção. As possibilidades da organização identitária das torcidas são complexificadas na medida em que a mesma é feita para reforçar a ideia de aglutinação do grupo por meio de padronização de recepção de suas representações e práticas, mas também para lograr distinção em relação às demais torcidas. Para Arlei Damo, a partida de futebol é um

²² HOLLANDA. A festa competitiva, p. 103.

²³ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 115.

“ritual disjuntivo”²⁴ e, portanto, produz realidade. O pressuposto da disjunção identificado no referido esporte diz respeito ao seu objetivo fundamental: a busca da vitória. A partir da equivalência inicial do resultado, a movimentação futebolística dos atletas é canalizada para a diferenciação ao final da partida.

A produção de realidades a partir do ritual disjuntivo, segundo Damo, caracteriza-se principalmente na “ordem do simbólico, atualizando um intrincado jogo de símbolos associados aos chamados clubes do coração e ao gênero masculino”.²⁵ No âmbito das torcidas organizadas, a busca pela distinção se dá a partir de múltiplas possibilidades: na conquista da alcunha de superioridade em determinada característica, nas disputas corporais, na conquista de materiais alheios... A sociabilidade entre as agremiações é fundamentada em uma disputa hierarquizante baseada na busca da representação desejada, consolidando um processo constante e estratégico de atualização das realidades:

As hostilidades não se limitam aos torcedores dos “outros” clubes. Há divergências fortíssimas mesmo entre as torcidas organizadas de um mesmo clube. Na medida em que certas marcas diacríticas vão perdendo sua capacidade de distinção, outras tantas tendem a ser inventadas. Essas segmentações de natureza estrutural podem ser ilimitadas, mobilizando códigos e “pertencimentos” até certo ponto aleatórios – de bairro, colégio, gosto musical, e outras tantas infinidades exógenas ao clube do coração e ao futebol.²⁶

Desse modo, a busca pela distinção no microcosmo das torcidas organizadas orienta a modelação identitária das agremiações, que a constitui com suas performances, práticas e representações almejadas. Elencados de maneira estratégica, os elementos presentes no conjunto simbólico de uma torcida buscam expressar seus valores, sempre modulados de forma relacional. Nesse sentido, a análise dos cânticos, especialmente os entoados pela torcida organizada Raça Rubro-Negra, tem como objetivo principal identificar o mote identitário e representativo pretendido pela agremiação, bem como as demandas de memória selecionadas para o reforço de seu discurso.

²⁴ DAMO. Futebol e estética, p. 86.

²⁵ DAMO. Futebol e estética, p. 86-87.

²⁶ DAMO. Futebol e estética, p. 89.

PRESSUPOSTOS E MOTIVAÇÃO: A FUNDAÇÃO DA RAÇA RUBRO-NEGRA

Na esteira da formação das Torcidas Jovens, o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra foi fundado em 24 de abril de 1977. Alegando estagnação e frieza no modo de torcer das arquibancadas rubro-negras, a nova torcida organizada elencou como mote de sua fundação o pressuposto de renovar as práticas torcedoras nas arquibancadas vinculadas ao Clube de Regatas do Flamengo.

Na contramão do fenômeno da década de 1970 em que inúmeras torcidas efêmeras foram criadas de modo espontâneo,²⁷ a fundação da Raça Rubro-Negra foi planejada e antecipada por cerca seis meses. Após desentendimento com a torcida na qual participava, a extinta Flamar, Claudio Cruz, um dos fundadores da Raça, elaborou o projeto junto de outros dissidentes. Apesar de a data de fundação ser o dia 24 de abril de 1977, desde finais do ano anterior a anunciação da torcida já estava sendo realizada. Com cartazes espalhados pelo Maracanã e com a divulgação no *Jornal dos Sports*, a Raça Rubro-Negra criava uma atmosfera de expectativa antes mesmo de iniciar sua trajetória nas arquibancadas:

Há algum tempo, a torcida do Flamengo precisa reviver os tempos áureos de maior e também melhor torcida do Brasil. Sabedores dessa necessidade é que nós torcedores de amor, fibra e muita raça rubro-negra, estamos organizando aquele que já, na presente data, é o maior movimento de torcidas do Brasil. O grupo que se propõe a reativar esse vulcão, chamado torcida do Flamengo, é um grupo realmente fortíssimo. Composto por rubro-negros do mais alto nível de amor às suas tradições. A idéia está lançada. O movimento está nas ruas, e dentro em breve estará nas arquibancadas fazendo com que os antigos rubro-negros revivam o prazer de serem os maiores e também os melhores. Fará, também, com que aqueles que ainda não viram, tenham o prazer de vê-la linda, magistral e, que é mais importante, rubro-negra dos pés à cabeça. Ela realmente está chegando. 77 será o ano “D”. Vem aí a Raça Rubro-Negra (o maior movimento de torcidas do Brasil). Aguardem. (Lúcio da Cruz – RJ).²⁸

Como demanda discursiva da torcida, reforçando o torcer inflamado como categoria nativa e distintiva das demais, a arregimentação de elementos simbólicos para construir a representação da torcida esteve presente em toda a elaboração da estratégia midiática de anunciação do que viria a ser a Raça Rubro-Negra. Com a

²⁷ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 298.

²⁸ *Jornal dos Sports*, 11 dez. 1976.

promessa de “reviver os tempos áureos” e “reativar esse vulcão”, os idealizadores da Raça Rubro-Negra fundamentaram o conjunto identitário da torcida com o pressuposto de disjunção baseado num torcer caloroso e festivo:

Em 1976, cartazes foram espalhados pelas nas paredes do Estádio do Maracanã, com a frase “Vem aí o Maior Movimento de Torcidas do Brasil”. O objetivo, segundo seus idealizadores, era formar uma torcida que não fosse apenas o camisa 12, e sim o primeiro jogador do time, o mais importante. Seu nome foi escolhido pelo primeiro presidente, Cláudio Cruz, em homenagem aquela que ele considerava a principal característica do clube, de transformar derrotas iminentes em vitórias.

O uniforme da torcida teria o tom predominante vermelho, com a manga, gola e escudo negros; a mão — com o punho cerrado — seria o símbolo de luta, resistência e vontade e sobretudo raça. O primeiro símbolo idealizado seria duas mãos arrebatando uma corrente, alusão ao símbolo do Movimento Negro, mas esta ideia foi rejeitada, pois segundo os fundadores poderia ser vista como uma alusão ao preconceito. Assim o símbolo escolhido foi um punho cerrado saindo do mapa do Brasil.²⁹

A estruturação da torcida, alicerçada em bases sólidas de constituição e de afirmação, como justificativa legitimadora de fundação, símbolos que catalisam simpatizantes e estratégias de publicidade,³⁰ possibilitaram à Raça uma constante de crescimento e de reconhecimento de sua relevância nos estádios. Suas práticas organizadas sob o pressuposto da animação foram destacadas pelo jornalista Oscar Eurico, no *Jornal dos Sports*:

Raça Rubro-Negra, a torcida diferente. A genialidade de Zico; a criatividade de Carpegiani; a tranquilidade de Raul; a garra de Rondineli; a disposição de Toninho; a eficiência de Júnior; o amor à camisa de Tita; os dribles desconcertantes de Júlio Cesar e os gols de Nunes não são tudo nos jogos do Flamengo. Sem dúvida, a Raça Rubro-Negra é uma atração à parte. Uma festa constante durante os noventa minutos de jogo. Não interessa o resultado ou o adversário, apenas o Flamengo. Três detalhes marcam e diferenciam a Raça Rubro-negra de outras facções da torcida do Flamengo. Os jogos são assistidos em pé. Antes das partidas eles gritam em coro o nome de todos os jogadores e membros da Comissão Técnica. E, finalmente, para pertencer à Raça é preciso acima de tudo entusiasmo, pois não vale ficar calado e deixar de gritar durante os noventa minutos.³¹

²⁹ RAÇA RUBRO-NEGRA. História da Raça Rubro-Negra. Disponível em: <https://bit.ly/41OR97K>.

³⁰ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 300.

³¹ DE MORAES, Francisco Albertino e NASCIMENTO, José Carlos. Revista “Raça Rubro-Negra: uma torcida diferente”. Rio de Janeiro, 1996.

Da estratégia de fundação à presença no estádio, a Raça Rubro-Negra tem como demandas de memória o protagonismo no que diz respeito à introdução do torcer em pé, mesclando o canto com os gestos ao elaborar uma performance vivenciada durante toda a partida. Desse modo, a agremiação imprimiu aos cânticos a identidade almejada e demanda de torcida mais vibrante em seus anos iniciais.

Em entrevista concedida ao pesquisador Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Claudio Cruz, fundador da torcida, explicita a relação intencional entre música e identidade:

Aconteceu uma briga muito séria no início porque o grito do Flamengo era “Mengo, mengo...” Só isso. Ninguém conseguia gritar mais do que cinco vezes. Logo, parava e sentava. O pessoal da Charanga fazia isso e, depois, os da Flamante e da Jovem também. Começamos a cantar com mais musicalidade e continuidade: – “Meeeeengoooo, meeeeeengoooo”. Os falecidos Rui da TV Globo e José Vaz, fundador da Dragões Rubro-Negros,³² ficaram bravos comigo e reclamaram: – “Não pode!”. O Maracanã ficou todo contra nós e mantivemos nosso grito. Foi quando a Raça explodiu. Ditamos moda e as torcidas dos rivais também desenvolveram cânticos mais contínuos como “neeeeeenseeee”, “fooooooogooo” e “vaaassssscooooo”.³³

Tendo no carnaval carioca a inspiração para a entonação do ritmo ditado nas arquibancadas, ao longo das décadas de 1940 e 1950 o arranjo musical preponderante entre as torcidas organizadas foi a marcha de carnaval, mais divulgada pelos meios de comunicação e mais facilmente adotada pelo público.³⁴ De acordo com Pablo Alabarces, a escolha das músicas para introdução nos estádios por uma torcida se dá a partir de duas motivações: a memória musical, que se traduz em fácil reconhecimento da mesma por sua natureza popular – e até mesmo de massa – e a possibilidade rítmica e métrica que a mesma oferece para transformá-la em canção de arquibancada.³⁵ Desse modo, há uma dinâmica de interlocução entre os ritmos preponderantes de cada período com as torcidas organizadas, que mesclam a cultura do torcer com o universo cultural de seu espaço, tendo, nesse caso, uma relação mais evidente com o carnaval.

³² Torcida organizada do Clube de Regatas Flamengo, surgida em novembro de 1977.

³³ Depoimento concedido por Claudio Cruz ao pesquisador Prof. Dr. Bernardo Borges de Hollanda. Rio de Janeiro, 2005.

³⁴ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 505.

³⁵ ALABARCES. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre “Brasil, decime qué se siente”, p. 6.

O samba-enredo se tornou preponderante na década de 1960, acompanhado da eclosão das Torcidas Jovens. A intenção de instituir uma nova postura nas arquibancadas, orientada por uma presença ativa e contestadora, modificou os padrões musicais nos estádios, conduzidos pela introdução de novos instrumentos e pela intensificação do ritmo:

A relação entre a marcha de carnaval e o samba-de-enredo iria se inverter na década de 1960, com a prevalência do segundo entre as torcidas de futebol. O movimento das torcidas dissidentes, também chamadas Torcidas Jovens, no final dos anos 1960, teria como efeito uma diferente acentuação rítmica nas arquibancadas, com o aumento do peso dos instrumentos percussivos sobre os instrumentos metálicos e de sopro típicos das Charangas.³⁶

Presente nos cânticos de torcida nos estádios com mais prevalência na década de 1960, ao longo do decênio seguinte o padrão dos sambas-enredo são modificados e caracterizados como “samba de empolgação”.³⁷ Com menos versos e, conseqüentemente, com um tamanho menor, os sambas passaram a se constituir pelo ritmo mais acelerado acompanhado de um “refrão forte e facilmente memorizável”.³⁸ Essa nova configuração do samba-enredo foi rapidamente aderida pelas torcidas organizadas cariocas, consolidando o ritmo nas arquibancadas no período.³⁹

As características do novo padrão do samba-enredo foram manejadas na construção da representação de torcida calorosa da Raça Rubro-Negra, que tem entre suas demandas de memória e discursiva a primazia da agremiação na consolidação do ritmo nas arquibancadas. De acordo com Claudio Cruz,

A Raça foi a responsável por introduzir definitivamente o samba-enredo nas arquibancadas. Lamentavelmente, hoje não se canta mais. Mas quando veio o samba, o Maracanã pegava fogo. Um desses era uma paródia de um samba-enredo de 1969 do Salgueiro, chamado “Bahia de todos os santos”. Quando o time fazia um gol ou ganhava se entoava: - “Flamengo, meus olhos estão brilhando. Meu coração palpitando de tanta felicidade...”. A arquibancada explodia e em todos os bares, só cantavam isso. Depois surgiram outras paródias de enredos da Beija-Flor, da Portela... Era algo além daquele grito tradicional.

³⁶ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 505-506.

³⁷ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 513.

³⁸ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 513.

³⁹ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 514.

Esse ritmo vinha do fato de usarmos instrumentos de percussão e de os torcedores que tocavam serem ritmistas de escolas de samba. Assim, cada um puxava o coro de sua escola.⁴⁰

À frente da Raça Rubro-Negra entre os anos 1977 e 1985, Claudio Cruz, sob o intento da construção da identificação da torcida ancorada na ideia de um torcer quente, evidencia a intencionalidade dos componentes do conjunto simbólico, identitário e de memória. Ritmado, acelerado, considerado “de empolgação”, o formato do samba ao longo da década de 1970 foi rearranjado pela Raça Rubro-Negra na medida em que esteve alinhado à representação almejada, indicando o desejo de diferenciação sob o parâmetro de um torcer animado e festivo, dando a alcunha “torcida diferente”⁴¹ à agremiação.

A “corporalidade pensada”,⁴² aliando cânticos uníssonos a gestos padronizados, solidificou a performance como elemento fundamental na identificação da torcida. Protagonista ao longo da década de 1970, o samba-enredo como ritmo musical adentrou as arquibancadas cariocas, e foi apropriado pela Raça Rubro-Negra como componente de sua concepção almejada no período.

No entanto, as dinâmicas das torcidas organizadas se aproximavam de uma postura mais agressiva no final da década:⁴³ expressões ofensivas eram elaboradas para realizar a referência ao rival, indicando novos padrões de sociabilidade. Ao mesmo tempo em que houve um investimento discursivo da Raça Rubro-Negra para que fosse reconhecida enquanto torcida de empolgação, suas práticas minimizaram seu reconhecimento na “pista”⁴⁴ nas dinâmicas com os outros agrupamentos, sendo muitas vezes considerada por seus pares como torcida “de povão”.⁴⁵ Desse modo, variações de representação e recepção almejadas passaram a ser identificadas, assim como os pressupostos de dessemelhança foram complexificados no relacionamento entre as agremiações.

⁴⁰ Depoimento concedido por Claudio Cruz ao pesquisador Prof. Dr. Bernardo Borges de Holanda. Rio de Janeiro, 2005.

⁴¹ *Jornal dos Sports*, 11 de dezembro de 1976; DE MORAES, Francisco Albertino e NASCIMENTO, José Carlos. Revista “Raça Rubro-Negra: uma torcida diferente”. Rio de Janeiro, 1996.

⁴² TOLEDO. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010, p. 130.

⁴³ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 516.

⁴⁴ O termo “pista” é utilizado entre os componentes das torcidas organizadas para se referirem aos confrontos físicos entre as agremiações.

⁴⁵ Conf.: <https://bit.ly/41QIHpM>; <https://bit.ly/3mW3eZY>.

SOCIABILIDADE E PERFORMANCE CONTENDORA

A intensificação do caráter burocrático das torcidas organizadas incidiu no processo de segmentação das agremiações. Concomitante à ampliação do alcance dos torneios nacionais, novas demandas organizacionais emergiram no interior das torcidas organizadas, que viram seus agrupamentos serem divididas em subgrupos, ordenados pela perspectiva local. Os então recentes arranjos demarcaram novos relacionamentos com o urbano, expondo a expansão da presença torcedora para além dos estádios, bem como a vinculação local com a noção de território.

Desse modo, novos padrões identitários foram instituídos e as concorrências territoriais foram elencadas como elemento constitutivo da sociabilidade torcedora. A construção da representação, em constante processo de atualização de realidades pela disjunção, identificou no espaço urbano um novo lócus de disputa, na medida em que sua prevalência implica na perda do outro.

Enquanto fenômenos considerados por seus membros como o clímax da experimentação de um torcedor organizado, as caravanas – viagens coletivas com o objetivo de se deslocar para outras localidades para acompanhar jogos do clube – demonstram a intensidade, entrega e dedicação. Ao mesmo tempo em que simbolizam a união do grupo, as caravanas, com frequência cada vez mais intensa, possibilitaram a formação de alianças e rivalidades interestaduais.

A articulação das alianças e rivalidades entre torcidas organizadas, em constante reposicionamento, deu às caravanas o tom da periculosidade.⁴⁶ Coincidente ao processo de repartimento das torcidas, a hostilidade enquanto tratamento ao torcedor visitante se justificava na medida em que o espaço urbano era tido como território. Nesse sentido, a dinâmica das viagens estava imbuída da noção de domínio e invasão, de tal modo que confrontos passaram a ser planejados e, por consequência, premeditados.

A contenda, nesse sentido, torna-se o mote de disjunção entre as torcidas organizadas. As noções de superioridade passam a se pautar na força e no confronto, que se configuram enquanto capital simbólico e disjuntivo no relacionamento entre

⁴⁶ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 474-475.

as agremiações. Isso posto, a construção da representação da torcida é alicerçada em distinções pelo temor: eventos de conflito, roubo de materiais da torcida rival, invasão aos locais atrelados aos outros agrupamentos são exemplos dos parâmetros distintivos e hierarquizantes consolidados ao longo das décadas de 1980 e 1990:

A produção de outras corporalidades pensadas alcançaria a retórica torcedora e outros agrupamentos juvenis, modulando um comportamento viril ao longo da década. Fortemente assentada na musculatura dos gestos, no exibicionismo e enfrentamentos corporais e no repertório de símbolos que ostentava em camisas e bandeiras, esta corporalidade pensada ganha traços a exprimir e moldar formas de socialidade.⁴⁷

Transposto para a performance, tornar-se reconhecido pela proeminência a partir contenda implica na complexificação da análise dos padrões representativos. A corporalidade mais agressiva, a identidade focalizada na virilidade e no confronto e a tensão como características da conduta das torcidas organizadas explicitam novos ambientes desvendados para a experimentação da coesão grupal, bem como a construção de intermédios com distintas expressões culturais do período. Desse modo, percebe-se alterações de padrões corporais e musicais, explicitando a intercambialidade entre distintas práticas juvenis, especialmente no contexto do Rio de Janeiro, com o crescente protagonismo do *funk* em detrimento dos ritmos mais comuns anteriormente.⁴⁸

A consolidação do *funk* como estilo musical representativo do Rio de Janeiro ao longo das décadas de 1980 e 1990 possibilitou a constituição de novos espaços de sociabilidade para as torcidas organizadas. A ampliação da presença torcedora para além das delimitações do estádio foi vislumbrada também nos relacionamentos definidos nos bailes *funk*, e processualmente as dinâmicas vividas nos distintos espaços se entrecruzaram:

Em unísono possante, emulado por aquela batida que parecia fazer o estádio trepidar, o *hit* ditaria a mais nova preferência rítmica das arquibancadas e dos bailes, em correspondência com os crescentes problemas de flagrados em regiões e morros cariocas. Uma maior disposição para a briga intergrupal, uma lógica binária do tipo lado A – lado B, uma pulsante dinâmica gestual-visual e uma técnica corporal mais agressiva aí se configura-

⁴⁷ TOLEDO. Políticas da corporalidade, p. 130-131.

⁴⁸ TOLEDO. Políticas da corporalidade, p. 127-128.

vam. As torcidas abandonavam os compassos dos sambas-enredos, hegemônicos desde fins dos anos 1960, e afinavam seu repertório com o gênero preferido dos jovens das favelas e das emergentes camadas juvenis.⁴⁹

A musicalidade ditada pelo *funk* e as expressões desveladas pela prerrogativa tensionada são adotadas pelas torcidas organizadas como ritmo de seus cânticos, ainda que mantivessem as composições do samba na rotina de arquibancada. A intercambialidade entre o universo do *funk* e do samba-enredo, evidenciada em 1997, quando a Viradouro,⁵⁰ escola de samba do Rio de Janeiro, obteve seu primeiro título no Grupo Especial com a inovação da “paradinha funk”, que marcava a bateria com ritmo de *funk* em determinados momentos do desfile, reforçava a manutenção dos ritmos nas arquibancadas, mas com estratégias de utilização.

O samba-enredo, adotado nas arquibancadas pela sua musicalidade mais rápida com os instrumentos de percussão, passou a ter sua utilização associada aos momentos festivos na arquibancada, quando a vitória é considerada iminente diante do resultado. Por outro lado, o aspecto mais pulsante, corporal e intimidador do *funk* foi manejado para os momentos tensos da partida: quando o time ainda precisa buscar a vitória ou até mesmo reverter algum resultado. Essa dinâmica de manejo dos ritmos é frequentemente tema de discussões entre torcidas organizadas do Flamengo, que pleiteiam cantar a sequência do Samba da Estácio e Festa Profana⁵¹ somente quando a vitória é garantida, enquanto em outros momentos, especialmente nos mais tensos, gritos de guerra curtos,⁵² com gestos intimidadores, são considerados mais adequados.

Com a constituição da representação pautada na contenda, cujos interlocutores são as demais agremiações, a Raça Rubro-Negra reivindicou em seu aparato simbólico a constituição de suas práticas pelo temor, escorando-se na lógica de disputas territoriais e corporais baseadas em eventos anteriores, onde o *funk* se adequa iden-

⁴⁹ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 119.

⁵⁰ Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro, escola de samba do estado do Rio de Janeiro fundada em 1946.

⁵¹ Conf.: <https://www.youtube.com/watch?v=xer3GPPzb2I>.

⁵² Conf.: https://www.youtube.com/watch?v=-tZa9Ph2_V8&t=6s.

titariamente de forma mais apropriada. No ritual de entrada da torcida na arquibancada, com a exposição de seus bandeirões, a música de acompanhamento para o momento, chamada de “Hino das Bandeiras”,⁵³ tem tom intimidatório explícito:

Se você não é Rubro-Negro, trate logo de correr / Ela vem com seus guerreiros, ela vem pra te foder / Rubro-Negro é assim mesmo, dá porrada em qualquer um / Mas que beleza! Que beleza! / Rubro-Negro não tem medo de morrer / Olê-lê! Olá-lá! / A Raça vem aí e o bicho vai pegar / Olê-lê! Olá-lá! / A Raça vem aí e o bicho vai pegar / Olê-lê! Olá-lá! / A Raça vem aí e o bicho vai pegar / Olê-lê! Olá-lá! / A Raça vem aí e o bicho vai pegar.

O “Rap do Pirão”, reescrito e deslocado de seu significado original, tornou-se cântico entoado pela Raça Rubro-Negra para exaltar suas práticas contendoras:

Já peguei a Força, Young-Flu, TJB / Agora eu tô botando até a Mancha pra correr! / Ô alô pirão, alô alô boa vistão / Sou da Raça Rubro-Negra, o terror dessa nação / Alô alô Zona Oeste, Comando Aliança / Elite, Niterói, Jacarepaguá / Centro, Zona Sul, Caxias é o terror / Tem a Raça da Baixada e Ilha do Governador / Comando Leopoldina, Pilares, Abolição / Quero ver a Raça Unida, Comando União / Ô alô pirão, alô alô boa vistão / Sou da Raça Rubro-Negra, o terror dessa nação / O ataque a Força, não foi necessário / A Raça Rubro-Negra invadiu São Januário / Todo mundo sabe, todo mundo viu / Que a sede da Fúria foi a Raça que invadiu.

No cântico, a Raça Rubro-Negra faz menção às maiores torcidas organizadas de seus rivais estaduais. Para argumentar e reforçar sua superioridade física, aponta para a transposição das fronteiras estaduais ao insinuar um combate com a Mancha Verde, torcida organizada da Sociedade Esportiva Palmeiras. Ao longo da música, ritmada pela “marcação forte do bumbo”,⁵⁴ diversas regiões do Rio de Janeiro são citadas com o intento de demarcar o domínio do espaço como território.

Desse modo, ao longo dos anos 1980 e 1990 novos padrões musicais, em consonância com emergentes sociabilidades, fundamentam a performance das torcidas organizadas cariocas. Acentuadas pelos processos de explosão territorial e premeditação de conflitos, as representações das agremiações foram construídas tendo como mote o reconhecimento de si pela proeminência nos enfrentamentos corporais.

⁵³ Conf.: <https://www.youtube.com/watch?v=xA0sJncvPgo>.

⁵⁴ HOLLANDA. A festa competitiva, p. 119.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto processos articuláveis, a construção da identidade, da memória e da representação são feitos de modo intencional. Alicerçados em escolhas estratégicas, tais processos são caracterizados por definições baseadas em uma perspectiva relacional que, transposta para o microcosmo das torcidas organizadas, opera a partir de padrões de oposição.

A análise das prerrogativas de representação da Raça Rubro-Negra em seus anos iniciais (1977-1985) e ao longo da década de 1980 e 1990 foi realizada com o objetivo de complexificar a recepção das práticas das torcidas organizadas. Dinamizadas e em constante reposicionamento, suas representações são atravessadas pelo intento de disjunção, que se configura de modo estratégico por cada agremiação.

Seja pela animação ou pelo enfrentamento, a busca pela disjunção entre torcidas organizadas implica na formulação de uma performance alinhada aos valores instituídos, que encontram nos cânticos a coesão para expressar suas demandas. É, desse modo, “um processo criativo de escolha e de adaptação”,⁵⁵ em que as músicas vocalizadas de forma uníssona pelos componentes estabelecem sua comunicação pela voz e pela corporalidade.

* * *

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre “Brasil, decime qué se siente”. **El oído pensante**, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2015.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores**: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 – uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Tese (Doutorado em História). Escola de Ciências Sociais, FGV, Rio de Janeiro, 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

⁵⁵ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 518.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre, UFRGS/PPGAS, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, p. 82-91, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. HOLLANDA, Bernardo Buarque de, MALAIA, João Manuel Casquinha, TOLEDO, Luiz Henrique de, MELO, Victor Andrade (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. “Short cuts”: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. In: **Revista Brasileira de Educação** (ANPED). Dossiê Juventude, n. 6/7, 1997b.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. HOLLANDA, Bernardo Buarque de, MALAIA, João Manuel Casquinha, TOLEDO, Luiz Henrique de, MELO, Victor Andrade (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol?. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 3, n. 3, p. 20-29, 1993.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Revista USP**, v. 22, p. 92-101, 1994.

Fontes

DE MORAES, Francisco Albertino e NASCIMENTO, José Carlos. Revista “Raça Rubro-Negra: uma torcida diferente”. Rio de Janeiro, 1996.

Depoimento concedido por Claudio Cruz ao pesquisador Prof. Dr. Bernardo Borges de Hollanda. Rio de Janeiro, 2005.

ELRUBRO. Mengôô ôôô | Flamengo vs Botafogo, 23 ago. 2017 | Copa do Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3mVc224>. Acesso em: 7 fev. 2023.

GABAZZANO. Entrada da Raça Rubro Negra. Disponível em: <https://bit.ly/3US-cZVD>. Acesso em: 7 fev. 2023.

JORNAL DOS SPORTS, 11 de dezembro de 1976.

MÚSICAS DO FLAMENGO. Letra – Sequência de sambas da torcida do Flamengo. Disponível em: <https://bit.ly/3LgBhW6>. Acesso em: 7. fev. 2023.

PAPO FULEIRO. FALANDO DOS CARAS #6 "RAÇA RUBRO NEGRA". Disponível em: <https://bit.ly/3KZ0TW0>. Acesso em: 7. fev. 2023.

PAPO FULEIRO. LIVE COM LULA CANAL OH MEU MENGÃO. Disponível em <https://bit.ly/3mR0XPE>. Acesso em: 7. fev. 2023.

RAÇA RUBRO-NEGRA. História da Raça Rubro-Negra. Disponível em: <https://bit.ly/3AhXdK9>. Acesso em: 15 ago. 2022.

* * *

Recebido em: 15 de agosto de 2022.

Aprovado em: 01 de março de 2023.